



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONSTRUÍDA À EDUCAÇÃO AMBIENTAL VIVIDA

Moacir Vieira da Silva

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte
moacirvs31@hotmail.com*

Josélia Carvalho de Araújo

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
joseliacarvalho@gmail.com*

Resumo: Versa sobre a concepção de educação ambiental construída teoricamente ao longo da história da humanidade, a qual é proposta e vivenciada na escola. Resgata portos teóricos em torno da temática, inicialmente, sob a forma de revisão bibliográfica, tendo como objetivo dar suporte às discussões sobre a temática junto aos docentes e discentes da educação ambiental na Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre, Mossoró, Rio Grande do Norte, em preparação para uma pesquisa ora em curso sobre a prática de educação ambiental vivenciada na referida escola. Nesse sentido, expõe pontos de vista de autores consagrados na área de estudo sobre conceitos e respectivas discussões práticas, como: educação ambiental, ética ambiental, valores éticos, entre outros. Encerra provisoriamente por uma análise crítica da prática de educação ambiental vivenciada na escola, para então aventar uma proposição sobre a vivência do tema. Tem por objetivo empreender uma discussão teórica sobre educação ambiental, para então fomentar uma vivência de educação ambiental na Escola Estadual Professor José de Freitas Nobre. Tem como metodologia, inicialmente, um levantamento bibliográfico acerca da temática; seguindo-se da leitura e discussão de textos diversos juntos aos docentes e discentes; leitura da realidade por meio da elaboração de um evento com vistas à discussão da temática com todos os sujeitos presentes na escola; finaliza com a elaboração de um “pacto pela educação ambiental na escola”, documento resultante dos diversos momentos de discussão-proposição. A importância da temática de educação ambiental estar presente na escola se faz no sentido de haver entrado no currículo de formação do aluno da educação básica, como tema transversal, convidando a todos os sujeitos envolvidos a desenvolverem a temática. Desta forma, a via encontrada para tal fim, a nosso ver, é fomentar primordialmente a vivência, haja vista estar a instituição escola contribuindo para a formação da mente de cidadãos que podem incorporar hábitos saudáveis em sua relação com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Ética Ambiental, Ambiente Escolar.



PRIMEIROS PASSOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A humanidade, ao longo da sua história, conheceu, dominou e transformou natureza para garantir a sua sobrevivência, até mesmo o seu desenvolvimento. Estabeleceu outras formas de vida, gerando novas necessidades. Para atender a essas necessidades, o ser humano foi criando novas técnicas para alcançar os bens almejados. Essas técnicas estiveram ora ligadas à produção; ora ao consumo e (SANTOS; FARIA, 2004).

Com os avanços dos transportes e das comunicações, sob os ditames do mundo cada vez mais globalizado, surgem mudanças e valores na sociedade. E frequentes problemas ambientais geraram a necessidade de o ser humano repensar as suas ações frente às limitações do meio ambiente.

Dentro desse contexto, posturas carregadas de senso crítico levam a sociedade a começar a rever suas atitudes. Sabemos que a Educação Ambiental surgiu como resposta às necessidades que não estavam sendo contempladas pela educação formal. Em outras palavras, a educação deveria incluir valores, capacidades, conhecimentos, responsabilidades e aspectos que promovessem o progresso das relações éticas entre as pessoas, os seres vivos e a vida na Terra.

Na contemporaneidade, a questão ambiental tem sido considerada como uma preocupação que precisa ser trabalhada com toda a sociedade, principalmente nas escolas, pois é na escola que estão em formação da mente dos cidadãos que cuidarão do Planeta Terra na posteridade. E cidadãos bem informados sobre temáticas ambientais tornar-se-ão adultos mais preocupados com o meio ambiente, agindo de forma preventiva, e até mesmo serão transmissores dos conhecimentos que obtiveram ou vivenciaram na escola às suas famílias e aos demais integrantes dos ambientes que frequentarem.

Defende Dias (1992) que,

Muitas vezes, à educação foi dada a incumbência de ser o agente de mudanças desejáveis na sociedade, e a ela se acoplaram as educações [...]. Dentre elas, nenhuma tem apelo tão premente e globalizador quanto a EA [Educação Ambiental] [...], e um efeito tão devastador quando falha no seu objetivo de desenvolvimento da consciência crítica pela sociedade em relação à problemática ambiental e aos seus aspectos socioculturais, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ecológicos e éticos (p. 24).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Temos identificado nas instituições de ensino certa consciência de que precisam trabalhar a problemática ambiental junto aos seus alunos. Tal consciência se manifesta por ocasião de eventos, como: dia do meio ambiente, dia da água, gincanas, feiras de ciências, entre outros. Assim, muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno da questão ambiental. Dessa forma, vem sendo incorporada a temática do meio ambiente nos sistemas de ensino, como tema transversal dos currículos escolares, permeando toda a prática educacional.

A educação ambiental desenvolvida nas escolas contribui para a formação de cidadãos conscientes, aptos atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a própria vida e de toda a sociedade. Para isso, é importante que mais do que informações e conceitos, a escola se disponha a trabalhar pelo desenvolvimento de atitudes, contribuindo assim para a formação de valores, agindo mais com ações práticas do que por meio de aulas teóricas, para que o aluno possa aprender a gostar, respeitar e praticar ações voltadas ao meio ambiente saudável para si e para os outros.

VALORES ÉTICOS E ÉTICA AMBIENTAL

A ética ambiental tem como objetivo primordial a análise crítica das condutas e concepções humanas sobre a natureza. Ela questiona a disparidade do progresso moderno, sustentado sobre uma noção de recursos naturais ilimitados, em meio à qual se encontra uma natureza, então inventariada, explorada, e até mesmo degradada por uma sociedade prenhe de demandas cada vez mais crescentes, dados o almejado conforto próprio da humanidade.

Vivemos em meio a arbitrariedades de condutas, segundo as quais a exploração da natureza mostra a perversa racionalidade que respeita apenas os valores econômicos e tecnológicos, em detrimento da natureza e da posteridade, vetando qualquer exercício do conceito de desenvolvimento sustentável. Esta situação foi anunciada por Habermas (1994), como um momento em que a técnica e a economia, elevadas a ideologias, não apenas teriam se diferenciado da razão moral, mas também ignorado esta como princípio legitimador de condutas.

Conforme apontamos anteriormente, o desenvolvimento do ser humano, na história da humanidade, está baseado na capacidade de produzir “meios” de dominar a natureza, desde as primeiras civilizações. Esses “meios”, ou seja, essas técnicas permitiram a criação de novos espaços, bens de consumo, e uma infinidade de bens que permitem uma melhor condição de vida humana.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse contexto, a interação entre o homem e a natureza, ao longo do período de desenvolvimento moderno, seria capaz de explicar a forma com a qual se concretizou a modernização da técnica e a exploração da natureza? Em outras palavras, a forma com a qual o ser humano entende sua posição em relação ao meio ambiente natural compõe o quadro no qual se justificam as práticas em relação aos recursos naturais? Estas são questões que nos instigam a uma reflexão.

Nessa progressão desenvolvimentista, iniciada na modernidade, e seguida até contemporaneidade, os efeitos da ação humana ao meio ambiente geraram danos incalculáveis. E assim, as consequências do desenvolvimento tecnológico para a natureza a convertem em um problema para si mesma, justamente por constituir-se a fonte desse progresso. Essa é uma contradição, não pela natureza propriamente, antes, pela prática humana de apropriação dos recursos naturais para a elaboração da sua sobrevivência. E esta é a razão pela qual a escola pode contribuir para a formação de cidadãos capazes de proceder a uma exploração adequada e racional dos recursos naturais.

Ao fazermos um retrospecto do desenvolvimento tecnológico empreendido pela humanidade, “colocado em uma balança”, de um lado o desenvolvimento – denominado de progresso – e de outro, a natureza como *habitat* e meio de vida, claramente é possível constatar a distorção progressiva da harmonia entre fatos e valores.

O desequilíbrio entre diferentes formas de racionalidades demonstra que ao prevalecer uma delas – como no caso da modernidade a técnico-científica – as consequências geralmente se refletem numa atrofia, ou até mesmo num retrocesso de valores morais referentes ao que foi considerado de menor relevância, qual seja, a ética em relação ao meio ambiente, e sua interação saudável com o desenvolvimento do ser humano e de suas necessidades. A ética ambiental, então, subsume em nome de outros interesses. O que não podíamos esperar, contudo, é que tais valores desenvolvimentistas resultariam em um incremento tão forte e acelerado nas técnicas de exploração.

Nesse contexto, perpassa um desequilíbrio profundo entre valores e fatos. Uma dissociação crescente entre o sistema natural da vida humana e a estrutura artificial e formal produzida pela técnica, no seu afã de racionalizar o mundo. As dimensões da vida cotidiana, tal como o manejo do tempo, as relações de convivência, a comunicação social, a produção de alimentos e os fenômenos mais alarmantes, como as mudanças climáticas repentinas são dependentes da harmonia entre valores e fatos.

Segundo Kant (2001), as condutas do ser humano em relação à natureza têm sua essência na moral, uma vez que a escolha entre o que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pode fazer – que é técnica – e o que deve fazer é uma questão de ética. A racionalidade baseada na produção de riqueza apenas condiciona a uma perda do referencial de valor moral, que vê a natureza apenas como fonte de produção. Mas, percebemos a total vinculação entre a racionalidade científica e a destruição de certos valores morais.

Ademais, há outra questão especificamente ética, que é de fundamental importância: os costumes mudam, e o que ontem era considerado errado, hoje pode ser aceito, ou vice-versa. O problema, portanto, ainda recai sobre a questão da ética, sobre o que é o ético. A ética ambiental seria um novo paradigma construído sob o suporte das ciências naturais: biologia, ecologia, geologia etc. Contudo, consagrar essa ética propõe a identificação da relação de dependência entre o ser humano e a natureza, desvencilhando-se aquele da função de explorador.

Uma ética ambiental pressupõe rechaçar a noção da ética antropocentrista, conduzindo à noção de que, além de agente criador, o ser humano é também paciente, e que há instâncias que transcendem seu poder e seu controle. A ética ambiental, portanto, admite a relação de dependência para com a natureza, relação que até pouco tempo baseava-se no paradigma da dominação.

Percebemos que a ética ambiental admite a relação de dependência do ser humano em relação à natureza, relação que até pouco tempo atrás se baseava no paradigma da dominação. Porém, não se trata de cessar o progresso ou de estancar os avanços tecnológicos. O que a ética ambiental se propõe é alertar que uma visão acrítica desses fenômenos pode ser fatal ao futuro da humanidade. Não existe, portanto, no caminho para o progresso, condutas ou decisões inevitáveis. A ética permite que o ser humano avalie criticamente o meio em que vive, e a forma como as decisões são tomadas.

VISÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O debate sobre a questão ambiental se faz cada vez mais atual. No entanto, para que se torne um mecanismo favorável e transformador na educação escolar é necessário que seja exposto como um valor essencial no mundo global. Nessa perspectiva, Ab'Saber (1991) defende que

[...] a Educação Ambiental é uma coisa mais séria do que geralmente tem sido apresentada, em nosso meio. É um apelo à seriedade do conhecimento e uma busca de propostas corretas de aplicação das ciências. Uma ação, entre missionária e utópica, destinada a reformular comportamentos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

humanos e recriar valores perdidos e ou jamais alcançados. Um processo de educação que garante um compromisso com o futuro, envolvendo uma nova filosofia de vida e um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo (p. 2).

Nesse sentido, a escola pode fomentar atitudes junto ao indivíduo desde os primeiros anos da vida escolar, para que a educação ambiental possa alcançar o seu objetivo; é necessário formar cidadãos com visão crítica, e que vejam o meio ambiente em sua totalidade, como ressalta Jacobi (2005):

A educação ambiental assume, assim, de maneira crescente, a forma de um processo intelectual ativo, enquanto aprendizado social, baseado no diálogo e interação em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, que se originam do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal do aluno. A abordagem do meio ambiente na escola passa a ter um papel articulador dos conhecimentos nas diversas disciplinas, num contexto no qual os conteúdos são ressignificados (p. 245).

Das palavras do autor supracitado, depreendemos que o professor tem papel transformador na educação ambiental, por articular os conhecimentos ao convívio e à prática educacional na escola e fora dela.

Parafraseando Medina; Santos (1999), a educação ambiental acontece por meio de processos contínuos e interativos, e se inclina para a formação da consciência, de atitudes, da capacidade de avaliação e de ação crítica do mundo. Os referidos autores ainda ressaltam o quanto é importante ensinar cuidar da natureza, para possibilitar a compreensão da relação entre ser humano e natureza, surgindo novos pensamentos críticos, atitudes e ações.

Nessa linha de pensamento, Brandão (1997) enfatiza a importância da educação para criar redes fluidas de processos de saber, de um ponto de vista de uma sociologia e de uma psicopedagogia dialógica do aprender. Então, boa parte de sua razão de ser estaria na criação de redes de co-criadores do próprio saber. Redes cada vez mais amplas de pessoas ativas e solidariamente criadoras, por meio de práticas de partilha em todos os processos de criação e aquisição de conhecimento, dentro e fora do âmbito da escola.

Na visão de Chalita (2002, p. 34), a educação se constitui na mais poderosa de todas as ferramentas de intervenção no mundo para a construção de novos conceitos, e conseqüente mudança de hábitos. É também o instrumento de construção do conhecimento e a forma com que todo o desenvolvimento intelectual conquistado é passado de uma geração a outra, permitindo assim a máxima comprovada de cada geração que avança um passo em relação à



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

geração anterior, no campo do conhecimento científico e geral.

A educação ambiental é conteúdo e aprendizado, é motivo e motivação, é parâmetro e norma. Vai além dos conteúdos pedagógicos, interage com o ser humano de forma que a troca seja uma retroalimentação positiva para ambos. Educadores ambientais são pessoas comprometidas com o que fazem. E para que o respeito seja o primeiro sentimento motivador das ações, é preciso que a escola reflita sobre sua forma de fazer educação ambiental, para que a faça de uma forma mais humana (CARVALHO, 2006).

A educação ambiental deve ser, acima de tudo, um ato político voltado para a transformação social, capaz de transformar valores e atitudes, construindo novos hábitos e conhecimentos, defendendo uma nova ética, que sensibiliza e conscientiza na formação da relação integrada do ser humano, da sociedade e da natureza, aspirando ao equilíbrio local e global, como forma de melhorar a qualidade de todos os níveis de vida.

DISCUSSÃO/PROPOSIÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL VIVIDA NA ESCOLA

Faz-se mister, decorrente dos apontamentos defendidos, empreendermos a uma proposição de educação ambiental na escola, especificamente, na Educação Geográfica. Neste sentido, lançaremos alguns questionamentos sobre o cotidiano escolar enquanto meio ambiente de convívio do cidadão em formação.

Do lugar intelectual que todos quantos já passaram pela escola, seja como aluno, seja como professor está é possível ter uma visão do ambiente escolar, e até mesmo descrevê-lo. Fisicamente, o ambiente escolar apresenta movimento intenso de pessoas e objetos; emite continuamente sons, oriundos de conversas, gritos de brincadeira, quiçá de eventuais conflitos; emite igualmente aquele som já consagrado de início e final das aulas; e não menos importante, alguns gestos indicam ora relações amigáveis, ora relações conflituosas.

E assim, posto esse quadro, questionamos: estaria a escola autorizada a falar de educação ambiental aos seus alunos, e a propor que os mesmos vivenciem essa educação ambiental, quando esta mesma escola fere alguns princípios de convívio saudável entre os seres humanos?

Vejamos que, até o momento, vínhamos discorrendo acerca de uma adequada educação ambiental para além da escola, projetando-se junto à família, à sociedade e à natureza, o meio ambiente vivido. Mas cumpre-nos questionar nesse momento, como forma de propormos uma reflexão também sobre o ambiente escolar. Isto porque se a escola propõe ao ser humano em formação na escola uma adequada



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

relação com o meio ambiente, ela mesma há que mostrar a vivência dessa relação em seu próprio ambiente.

Ademais, algumas práticas escolares pervertem qualquer proposta de educação ambiental e/ou preservação da natureza, como a impressão excessiva de materiais, o desperdício d'água, a higiene de alguns ambientes, entre outros.

Isto posto, há que invocarmos os conceitos de ética ambiental e de valores morais para uma efetiva prática da educação ambiental na escola, iniciando seu exercício como forma de aprender com a prática, contribuindo assim para a formação de hábitos. É a lógica já consagrada de aprender fazendo, o que torna o aprendizado quase sempre inesquecível, posto que já se torna hábito.

Então, qual seria a proposta de educação ambiental válida na escola? Entendemos que um ponto de partida é a escola iniciar pela formação dos profissionais que nela trabalham, os quais enquanto adultos, e aportados em suas formações diversas, serão capazes de questionarem sua prática de educação ambiental no contexto da escola. Em seguida, pactuar coletivamente medidas de mudança de posturas que julguem inadequadas, como uma já bem consagrada, de alguns professores ministrarem aulas “aos gritos”; de a maioria dos profissionais da escola emitirem quase sempre “expressões de mando” junto aos alunos, verbos no modo imperativo, indicando dominação; de alguns se portarem em sua relação com o meio ambiente de um modo diferente do que “pregam” junto ao alunado. Estes são apenas algumas posturas que há de serem revistas.

Um passo a seguir é pactuar uma adequada educação ambiental junto aos alunos. Iniciar por observar como estes se relacionam entre si e como o meio ambiente escolar. Em seguida, questionar algumas posturas, as quais, quase sempre, reproduzem hábitos familiares, e são relativamente próximos às posturas dos profissionais presentes na escola, haja vista estar num mesmo contexto de sociedade.

Vejamos que uma adequada educação ambiental, considerando que uma favorável postura emana de uma mente formada, parte de uma sequência formada por três etapas: observação, questionamento e vivência. Desta forma, há que, em primeiro lugar, valorizar o modo como os convivas da escola se relacionam com o meio ambiente, mesmo porque não é adequado um professor, investido com a função de educação ambiente, iniciar de imediato pela acusação de que os alunos carecem da referida educação, o que seria uma atitude preconceituosa. Antes, há que valorizar a conduta dos alunos, procedendo a possíveis intervenções, e que estas sejam conscientes, e não impostas. Em segundo lugar, questionar frente aos alunos sobre suas atitudes, perguntando-lhes



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

se julgam adequadas, incentivando-os a aperfeiçoá-las; e se houver algumas posturas inadequadas, como os referidos alunos podem melhorá-las em prol de um ambiente harmonioso para o convívio escolar, estendendo-se assim à comunidade e à sociedade. Por fim, há que, juntos, profissionais e alunos, lançarem mão dos conceitos de educação ambiental, ética ambiental e de valores morais para terem sempre em mente um agir que emane uma razoável educação ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SABER, A. N. 1991. **(Re) Conceituando Educação Ambiental**. MAST- Museu de Astronomia e Ciências Afins/CNPq.

BRANDÃO, C. R. O ambiente, o sentimento e o pensamento: dez resgates de idéias para pensar as relações entre eles e o trabalho do educador ambiental. In: **Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental/ I Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: INESC, 1997.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2002.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992.

HABERMAS, Jurgen. **Ciência y técnica como ideologia**. Madrid: Tecnos, 1994.

JACOBI, P. R. **Educação Ambiental: desafios e construção de praticas de cidadania ambiental**. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Marton Claret, 2001.

MEDINA, Naná Mininni; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Edna Maria dos; FARIA, Lia Ciomar Macedo de. O educador e o olhar antropológico. **Fórum Crítico da Educação: Revista do ISEP/Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas**. v. 3, n. 1, out. 2004. Disponível em: <<http://www.isep.com.br/FORUM5.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2010.